

Praça de Touros José Varela Crujo

DAS ORIGENS DA TAURAMAQUIA

O tempo, malgrado inexorável para os que vamos vivendo, se é certo que se não detém, também é verdade que deixa marcas imperecíveis, que importa se analisem devidamente, sabido que é que povos que não respeitam o passado, jamais terão capacidade para viver com alegria o futuro.

Por falar em passado, Beja atesoura matéria taúrica estimável e de relevo, como por exemplo as duas cabeças de toiro romanas que agora se situam na crasta (pátio do claustro do Museu) e que consta terem estado anteriormente colocadas nas traseiras da igreja de São João, e que são idênticas a uma outra que está metida na Torre Municipal, a do relógio, da Igreja de Santa Maria.

Que se não estranhe tal espólio, certo que é que em 48 a.c. Caio Júlio César aqui celebrou a paz com os lusitanos e por assim ser a chamou de “ Pax Júlia “.

Com o advento da ocupação árabe, Baju, Baja e por posterior deturpação Beja, e até hoje assim ficou, e já assim se denominava quando em 4 de Janeiro de 1573 em seu termo houve corrida de toiros com a presença de El Rei Dom Sebastião, do infante D. Fernando e seus séquitom.

É portanto bem longa a ligação de Beja á coisa taurina, a tal ponto que ainda hoje se podem apreciar em seu museu brasões antigos da cidade, um, a peça E-19 da catalogação, que representa um toiro passante diante de um castelo com três torres, este assente em arcos tribolados, e que se note que os merlões de tal figuração são iguais aos da Torre de Menagem da Cidade. Este brasão é encimado pelo escudo nacional com 14 castelos, com as quinas laterais em posição vertical, todas elas com besantes dispostos em cruz. Segundo o guia que á frente citarei, por justiça, era da fachada da antiga câmara no Largo de Santa Maria e parece obra do século XIV.

Outra peça curiosa que também interessa referir, é outro antigo brasão da Cidade, a G-21 do catálogo, peça do século XXII que é tão só uma cabeça de toiro sustentando as quinas entre os carros. Tem gravada a data de 1639 e provém da antiga domus municipais sita também no Largo de Santa Maria.

Como nada acontece por acaso, e que se cite Ortega y Gasset que a seu tempo afirmou que tudo o que é historicamente real aconteceu porque assim teve que ser, é bom que se interiorize que de há muito o toiro se insere no sentir bejense. No “ Guia de Beja “, livro magnifico em seu rigor que a câmara municipal fez editar em 1950 com textos preciosos e claros de Abel Viana, Cândido Marrecas, José Mourão e M. de Melo Garrido, a pág. 187 pode ler-se “ As touradas que se efetuam alguns domingos de Maio a Setembro, com grande relevo para as da Feira de Agosto, muito agradam e fazem vibrar os Bejenses. A Praça situada perto do começo da estrada de Évora, possui apreciáveis instalações, com lotação calculada em mais de 4 000 lugares “.

Mas antes da Praça referida, segundo José Luiz Ribeiro, mais tarde citado por Jaime Duarte de Almeida, de 1876 a 1878 existiu uma Praça de madeira cerca da Porta de Avis. Dizem também que em princípio do século passado, uma Praça de madeira e alvenaria, pertenceu ao Hospital e durou até 9 de Agosto de 1907, data em que se inaugurou a atual, mandada construir por Rafael António Madeira.

Nesta Praça, que agora leva o nome do saudoso cavaleiro José Varela Crujo, muito de relevante aconteceu, como por exemplo a alternativa do Dr. António Brito Paes a 10 de Agosto de 1960, iniciando assim importante dinastia toureira, continuada por seu filho António Raul e seu neto, a atuar no presente.

Mas muitos mais são os nomes que integram o acervo de artistas taurinos da terra. Com o expoente Francisco Mendes Silva Conceição, que o mundo conhece como “ Francisco Mendes “, matador de toiros que se soube alcandorar ao estatuto de figura mundial do toureio, ainda

hoje considerado o maior capoteiro português de todos os tempos, a seu tempo ídolo que arrecadou todos os prémios que havia para ganhar na mesma temporada na América do Sul, o que não é de menos referir em carreira tão curta como por razões diversas foi a sua.

Ainda no que refere ao toureio a pé, o distrito também é rico, e até integra casos curiosos, como o é Almerinda dos Santos novilheira mourense, dizem que muito bela, que à época despertou enorme interesse. Importa também que se refiram Anibal de Oliveira, António Rodrigues Barrocas, Gilberto Belchior, António Manuel Rosa, António Manuel dos Santos Guizado, Domingos Paixão Candeias, Francisco Nunes Caeiro, entre outros que os livros não registam, toureiros honrados que “ de Prata “ souberam construir uma carreira.

Também no que refere aos cultores do toureio a cavalo, é extensa a lista dos que a Beja e seu distrito se vinculam. Além do já referido Dr. António Luz Brito Paes e seu filho, que se citem Tito Semedo, Carlos Água Doce, Fernando e Joaquim Amado de Aguiar, Henrique Mira Coroa, João Diogo Parreira Cano, João Luis Ramos Infante, Joaquim Batalha Fialho Veríssimo, Jorge Cordeiro Jorge (Jorge D’Ourique), José Augusto de Brito Limpo, José Moita da Cruz, Luis Palma dos Santos Cruz e três casos que me importa salientar - Regarito Flores Cabeça, cavaleiro cigano, castiço até dizer chega, que se caracterizou por sempre utilizar casacas brancas profundamente bordadas, Gina Maria, amadora de carreira que durou enquanto duraram os seus amores com um conhecido empresário, e por razões completamente diferentes, José Varela Crujo, cavaleiro tauromáquico profissional que tristemente após sofrimento prolongado pagou com a vida o pleno direito a entrar na história da Tauromaquia Nacional. Em sua memória escreveu-se “ tive um amigo, abalou “ fado que com música do clássico Pedro Rodrigues tão bem é cantado por Francisco Sobral Soares, fadista e forçado, quiçá uma das melhores vozes masculinas do panorama fadista nacional, de que Beja também se deve orgulhar.

Também são notáveis os forçados de Beja e seu distrito; a pedido de Manuel Almodôvar, aquando da sua intenção conseguida de redotar Beja de um Grupo de Forçados que digno continuador fosse dos precedentes com a mesma designação, tive ocasião de redigir um breve texto que titulei “ Qual Fénix ...! “, de que com vossa licença me permito respigar um naco que em 2008 me pareceu oportuno e que me parece ainda atual – “ Reza a mitologia que Fénix tinha o raro condão de renascer das cinzas; com o Grupo de Forçados de Beja parece que também assim é. Na memória de nomes grandes como os Mexias, os Miras, os Queirogas, o Joaquim e o Henrique Aleixo, o Joaquim e o Manuel do Monte, o Pinto, o Sousa Gomes, o Chico Troles, o Caldufa, o Parrefo, o “ Estrava-a-mula “, o Serenho, o Chavez, o “ Sim-Sim “, o Cascalheira e tantos outros que a história regista como grandes forçados do Baixo Alentejo. Um dia, já distante, um grupo de jovens de Beja sonhou e sob a batuta do já na altura consagradíssimo João Marujo Caixinha, resolveram a 10 de Agosto de 1975 apresentar-se na Praça que hoje lexa o nome do saudoso José Varela Crujo, data que passa assim a fundacional. Tentar enunciar a listagem de nomes grandes que Beja e seu distrito deram á forcadagem, seria correr o risco de flagrantes omissões.

Não se dispensa contudo de referir um facto que muito emocionou a todos. Campo Pequeno, corrida extraordinária em que se fardaram elementos retirados e no ativo; João Caixinha saiu a pegar um toiro e em virtude de um derrote violentíssimo que não do seu estar, fica na arena inanimado e indefeso, sendo que sentido o perigo seu filho Pedro sobre ele se arrojou protegendo-lhe com o corpo as cornadas que a esmo o toiro distribuía. Como Camões um dia escreveu – ditosa a pátria que tais filhos tem.

Beja jamais esquecerá este episódio, público e televisionado, puro testemunho da pureza das suas gentes e digníssimo exemplo de amor filial.

Referência ainda da pletera de ganadarias que o distrito alberga, que só por si subverte o que parece ser consensual quando se atribui a outras zonas o serem o solar da cabana de bravo nacional. Tantas são as ganadarias respeitabilíssimas no distrito. Cabral de Ascensão, Isaías Vaz, Lampreia, Brito Paes, Condessa de Sobral, Couto de Fornilhos, Dias Coutinho, Passanha,

Herculano, Murteira Grave, Varela Crujo, Frei Elia. È de monta tal efetivo de Gado Bravo, e, como sem toiros não há festa é altamente estimável que por Beja exista.

Por todo o território Bejense encontramos uma festa de toiros pujante, com praças de toiros não raro construídas com trabalho solidário dos próprios locais, em que a festa acontece de forma coeva (o singular caso de Barrancos) e pura. Sendo as coisas como são e como estão, a “ Beja Brava “ está condenada a ter no futuro a mesma pujança que soube ter para consolidar a construção da sua história.

Domingos da Costa Xavier
Médico Veterinário e Escritor